
UMA UNIVERSIDADE, VÁRIAS TRAJETÓRIAS: (DES) CAMINHOS PARA O ENSINO SUPERIOR

ONE UNIVERSITY, MANY PATHS: THE (MIS) DIRECTIONS TO HIGHER EDUCATION

UNA UNIVERSIDAD, MUCHOS CAMINOS: LOS (DES) CAMINOS A LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Thiago Reisdorfer*

Resumo: Este artigo tem por objetivo problematizar caminhos e trajetórias de jovens universitários. Para tanto, toma-se por objeto as narrativas de estudantes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Câmpus de Marechal Cândido Rondon. Buscou-se pensar as trajetórias de Marina Abrondavi, estudante de Direito e Cristian Jonas Ludke, graduado em Zootecnia. A partir das narrativas de ambos foi possível perceber que o caminho para a universidade, antes do que um objetivo pensado e sistematicamente buscado, aparece em suas memórias como uma experiência vivida, praticada. Desfaz-se assim qualquer possibilidade de análise teleológica deste processo, tanto na percepção da universidade como um fim em si mesmo, quanto na percepção da universidade como uma meta constituída *a priori*. É só no cruzamento entre suas trajetórias e a historicidade da cidade e da universidade nas quais se inserem que os sentidos construídos podem ser analisados. Para essa problematização tomamos como fontes centrais as narrativas orais construídas com os estudantes no ano de 2010.

Palavras-Chave: Universidade; cidade e trajetórias.

Abstract: The objective of this paper is to discuss the paths and trajectories of young graduates. To that aim, the narratives of students from the State University of West Paraná (Unioeste), Rondon Câmpus, were taken as the object of study. The trajectories of Marina Abrondavi, a law student, and Cristian Jonas Ludke, a graduate in Animal Science, have been analyzed. Based on their narratives, it was observed that the path to university, rather than a planned and systematically sought goal, appears in their memories as an experience that was lived and practiced. Thus, any possibility of teleological analysis of this process is undone, both in the perception of the university as an end in itself, or the perception of the university as a target constituted *a priori*. Just at the intersection of their trajectories, and the historicity of the city and the university in which they are inserted, the constructed paths can be analyzed. For this discussion, the oral narratives constructed with the students in 2010 were taken as the central sources of analysis.

Keywords: University; city and trajectories.

Introdução

O objetivo deste artigo é problematizar múltiplos caminhos traçados por jovens universitários até chegarem à universidade¹. Toma-se como recorte estudantes que cursaram suas graduações na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Câmpus de Marechal Cândido Rondon, entre 2000-2010. Com esse intuito, abordo as narrativas de

dois estudantes: Cristian Jonas Lüdke, formado em Zootecnia e Marina Abrondavi², estudante de Direito.

Buscando compreender tal problemática, este texto foi construído em quatro momentos dialógicos. Primeiramente, constrói-se uma breve análise sobre a forma como o Ensino Superior está estruturado na cidade de Marechal Cândido Rondon e no estado do Paraná, pensando sua expansão de maneira articulada com a expansão desse nível de ensino no país. A seguir passo a problematização das trajetórias estudantis, primeiramente, com o caso de Cristian e, depois, com o caso de Marina. Por último, analiso, imbricadamente, (des)caminhos percorridos por esses jovens.

O Ensino Superior em Marechal Cândido Rondon

O Paraná conta com uma rede de universidades públicas estaduais espalhadas pelo interior do Estado. Além destas, conta com três instituições de ensino superior federal, a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Federal Fronteira Sul, que possui Câmpus nos três Estados da Região Sul do país e a Universidade Federal de Integração Latino-Americana. Em 2005, o Governo Federal aprovou a transformação do CEFET-PR em Universidade Tecnológica do Paraná, a qual possui hoje 12 Câmpus. Já a Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, transformada, em 2008, em Instituto Tecnológico Federal do Paraná, é composta por 14 Câmpus, espalhados por todo o Estado. Desde a década de 1960, houve um movimento de implantação de faculdades e universidades espalhadas pelo interior do Estado. Hoje, o Paraná tem sete universidades estaduais espalhadas por todo o seu território.

A expansão do Ensino Superior no Paraná não é um evento isolado, quando pensamos a situação desse nível de ensino no Brasil nas últimas três décadas. Nacionalmente o número de vagas passou de 1.377.286 em 1980, para 1.540.080 em 1990, chegando a 4.676.646 em 2006 (INEP, 2011)³. Assim, é possível perceber que, em menos de 30 anos, o número de vagas no Ensino Superior, no Brasil, mais do que triplicou. Tal feito foi possível tanto pela expansão do setor público, quanto pela expansão do setor privado. Se, em 1992, o Ensino Superior privado abrangia 59% das vagas, tal percentual chega a 70%, em 2002⁴. Essa expansão não ficou restrita aos grandes centros. Em Marechal Cândido Rondon, em 2001, foi criada a primeira faculdade privada, a ISEPE – Rondon, que oferecia o curso de Administração com ênfase em Comércio Exterior. Já, em 2002, foi criada a Falurb (Faculdade Luterana Rui Barbosa), que oferecia os cursos de Administração com ênfase em Empreendedorismo e Administração com ênfase em Gestão Ambiental. No caso da Unioeste, essa expansão também é significativa. Em 1980 a Facimar – Instituição de ensino superior que em 1994 com a união com outras três instituições formaria a Unioeste (REISDORFER, 2011) – contava

com 150 vagas, passando em 1994, ano de fundação da Unioeste para 978 vagas, já em 2010 essa universidade conta com 1677 vagas⁵.

A presença da universidade na cidade não é algo que pode ser visto como “natural”, apesar de poder, num primeiro e superficial olhar, parecer algo sem conflitos. Ao falar da Unioeste, em Marechal Cândido Rondon, é necessário ressaltar que a mesma não deve ser tomada apenas como uma instituição de ensino, mas também como lugar articulador de anseios, desejos, conflitos, disputas e trocas socioculturais (LAVERDI, 2005). Pensá-la como uma instituição somente, impediria que percebêssemos a historicidade das trajetórias de sujeitos que a compõem, constroem, vivenciam, disputam. A Unioeste aglutina em torno de si interesses de diversos grupos sociais, empresários locais, políticos das diversas esferas, profissionais ligados ao campo acadêmico, professores, técnicos administrativos, pesquisadores, bem como estudantes das mais variadas procedências e vinculações sociais. Nesse sentido, é interessante problematizar como os estudantes universitários têm constituído historicamente suas vivências e expectativas, calcadas na experiência cidadina e na historicidade da presença da instituição nesse local e no espaço regional, nos quais, e a partir dos quais, esse conjunto de experiências pode ser compreendido.

Os universitários, cujas narrativas são objeto de estudo neste trabalho, ingressaram num momento específico das universidades brasileiras. Além da forte expansão, ocorrida nos últimos 30 anos, a primeira década deste século foi marcada por uma série de debates acerca do Ensino superior. Nesse período, foram debatidas e instituídas as cotas raciais nas universidades, sendo que diversas instituições as adotaram, o que, num primeiro momento, não foi o caso da Unioeste, a não ser no caso de indígenas. Posteriormente, esse debate se deslocou para a possibilidade de criação de cotas “sociais”, ou seja, a possibilidade de cotas para estudantes de baixa renda oriundos da escola pública. Já no vestibular de 2009, a Unioeste aderiu a tal sistema, reservando, desde então, 40% de suas vagas para estudantes que tenham frequentado apenas escolas públicas, ou escolas particulares com bolsa integral. Paralelo a esse processo, no âmbito federal, houve a criação e o desenvolvimento do Programa Universidade para Todos (Prouni), que concede bolsas de estudos em instituições privadas de Ensino Superior. Tais bolsas podem ser de dois tipos, integral ou parcial. A bolsa integral paga toda a mensalidade do curso, enquanto a bolsa parcial a metade dos custos. Esse tipo de bolsa, ao contrário do Programa de Financiamento Estudantil (Fies) não requer que o valor investido no estudante seja devolvido após a conclusão do curso.

No ano de 2010, a Unioeste, Câmpus de Marechal Cândido Rondon, tinha 1.677 alunos matriculados, segundo informações fornecidas pela Secretaria Acadêmica. Esse número corresponde a 3,6% da população total do município. Desses estudantes, muitos são originários de outras localidades, migrando para Marechal Cândido Rondon no intuito de realizar

um curso de graduação. Outros, ainda, residem nas mesmas, dirigindo-se diariamente para a universidade.

Compreendendo a multiplicidade dos estudantes que vivenciaram essa experiência na Unioeste dessa cidade, opto aqui por trabalhar com universitários que se deslocaram de outras localidades, passando a residir em Marechal Cândido Rondon, no intuito de cursar o Ensino Superior. Sendo assim, problematizarei experiências de sujeitos que, provenientes de outras localidades, urbanas ou rurais, passaram a residir na cidade.

O objetivo ao lidar com a problemática da pesquisa a partir de entrevistas com universitários é possibilitar a visualização de sentidos compartilhados e/ou específicos presentes, que permitam compreender vivências de estudantes na cidade de Marechal Cândido Rondon (PORTELLI, 1997). Nesse sentido, é importante apontar que os lugares de onde os jovens narram suas trajetórias são compartilhados entre eles: a universidade e a cidade. Assim, por mais que construam para si trajetórias específicas, elaboradas a partir de diferentes trajetórias de vida, compartilham uma experiência, a vivência universitária constituída num conjunto específico de espacialidades e temporalidades. Tal experiência compartilhada em diferentes momentos ressignifica sentidos constituídos para sua trajetória anterior à universidade.

Foi no amadurecimento do trabalho, bem como no diálogo com o processo da pesquisa, que ficou claro que o estudo não era sobre as experiências dos universitários, mas sim a respeito de experiências de universitários. Há, nessa operação, uma diferença significativa. Enquanto uma perspectiva fazia pensar num grupo social homogêneo, ou pelo menos com significativas semelhanças entre si, a outra perspectiva possibilitava pensar justamente a diversidade constituinte de tal grupo social enquanto processo, constituído na e através das redes sociais em que participavam.

A opção pela problematização das entrevistas da forma que segue foi construída a partir da convicção de que o objetivo não é construir uma História sobre como os universitários chegam à universidade. Mas de perceber e problematizar diferentes caminhos percorridos por jovens que, de maneira planejada ou não, os levaram até a Instituição de Ensino Superior.

Do campo para a cidade, das mãos para a cabeça: a trajetória de Cristian

A primeira trajetória que problematizo é a de Cristian Jonas Lüdke. Ele tinha, em 2010, momento da entrevista, 25 anos. Residiu em Marechal Cândido Rondon durante todo o período em que esteve no Ensino superior, entre os anos de 2003 e 2007. Após o término de sua graduação continuou a residir na cidade. Opta-se por trabalhar com sua narrativa pela especificidade de temas que marcam sua trama de sentidos; pela quantidade expressiva de questões abordadas densamente; e pela qualidade narrativa. Dentre os temas apresentados por ele, alguns foram

convergentes a outras narrativas, como, por exemplo: a centralidade da família na construção de sua trajetória; a tensão entre as relações de trabalho e de estudo; a universidade como espaço desejado, entre outras questões. Outras temáticas foram específicas, especialmente a intrincada relação cidade/campo vivenciada e narrada por ele.

Primeiramente, foi-lhe solicitado que informasse alguns dados como nome completo, idade, etc. Cristian me respondeu da seguinte maneira:

Cristian Jonas Lüdke de Marechal Cândido Rondon, nascido em Nova Santa Rosa. A partir de lá a gente veio pra Marechal Cândido Rondon. Moramos 18 anos em São Cristovão, interior de Marechal Cândido Rondon. Trabalhamos sempre com agricultura e pecuária leiteira durante esses 18 anos. Por isso mesmo que eu decidi fazer Zootecnia, cursar Zootecnia. Atualmente a gente tem uma parte de terra ainda, meus pais moram em São Roque. Tenho dois irmãos, um é de seis aninhos, o outro tem 23 anos e trabalha em Brusque, Santa Catarina, na linha de metalúrgica, só eu que vim pra cidade de Marechal Cândido Rondon mesmo. Fiquei aqui e por enquanto estamos aí, mas a intenção não é morar... Talvez morar em cidade, mas trabalhar no interior. (Cristian Jonas Lüdke, 2010).

Já nesse breve resumo de sua vida, Cristian apresenta interessantes questões a serem trabalhadas como, por exemplo, a motivação que teve por cursar Zootecnia e a intrincada relação campo e cidade, questão profundamente analisada em Williams (1989), que forma um dos fios principais de seu enredo narrativo. Faz-se importante, primeiramente discutir algumas questões de fundo antes de adentrar nas problemáticas citadas. Como já dito, ele tinha na ocasião 25 anos, residiu durante toda sua vida anterior à universidade no meio rural. De família pequena, cinco membros, sendo ele o segundo de três irmãos, o único que cursou o Ensino Superior. Seu irmão mais velho trabalhava numa metalúrgica em Brusque, Santa Catarina, e seu outro irmão, de apenas seis anos, é portador de Síndrome de Down. Seus pais tinham por volta de 50 anos de idade. Sua família pode ser considerada de baixa renda. Quando morava na casa dos pais, eram pequenos agricultores, se tornando, posteriormente, pequenos comerciantes na localidade de São Roque, vilarejo no meio rural de Marechal Cândido Rondon.

Estudante de escola pública durante toda a sua trajetória escolar, ingressou na universidade apenas a partir da terceira tentativa no vestibular. Logo que saiu do colégio tentou cursar Ciências Contábeis, não sendo aprovado. A tentativa no ano seguinte foi pelo curso de Economia, quando reprovou pela segunda vez. Finalmente, na terceira tentativa, foi bem sucedido e garantiu seu ingresso no curso de Zootecnia na Unioeste,

Câmpus de Marechal Cândido Rondon. Os cursos pelos quais optou na hora de tentar o vestibular foram marcados regionalmente. Enquanto os cursos de Zootecnia e Ciências Contábeis estão localizados no Câmpus local da Unioeste, o curso de Economia está sediado na cidade de Toledo, que fica próxima a Marechal Cândido Rondon. Desse modo, suas opções foram feitas também a partir das possibilidades apresentadas historicamente na região onde vive.

Outra problemática que é possível perceber a partir de suas opções para os vestibulares prestados foi a exclusão de qualquer tentativa em faculdades ou universidades privadas da cidade ou da região. Assim, suas opções não foram apenas dentro de um específico contexto histórico e regional, mas também a partir de suas condições materiais de existência. Como já referido, a família de Cristian é de baixa renda, não tendo, portanto, condições de financiar seus estudos numa instituição particular de Ensino Superior. Na época de suas tentativas no vestibular, projetos como o Programa Universidade para Todos (Prouni), ainda não existiam, ou não estavam popularizados, havendo apenas alternativas como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), que exige ressarcimento posterior.

Logo no início da entrevista, foi solicitado a Cristian que falasse sobre sua trajetória antes de ingressar na universidade. O intuito era perceber quais questões apontaria espontaneamente a respeito do período. Ele construiu a narrativa por dois caminhos: a família e o trabalho, os quais, apesar de sempre estarem entremeados, aparecem com mais força em um momento específico.

Enquanto narrou os aspectos mais gerais de sua vida, descrevendo o local onde morava, o nível de educação dos pais e o fato da mãe ter estudado com ele, Cristian lembrou o apoio recebido dos pais para que estudasse:

Então, a questão da educação foi uma coisa que meus pais sempre, sempre deram mais apoio pros dois filhos até agora, os mais velhos. Então obviamente o meu irmãozinho também vai ter esse apoio. Meu irmão [mais velho] não quis. (Cristian Jonas Lüdke, 2010).

Apesar de os pais não terem estudado quando jovens, apoiaram os filhos para que o fizessem. Além de terem recebido o apoio, que seu irmão mais velho não quisera, Cristian espera que o irmão mais novo também o tenha. Esse é um dos poucos momentos que o irmão mais velho aparece em sua fala. Se o irmão mais novo, portador de Síndrome de Down, aparece em vários momentos na narrativa, o mesmo não acontece com o mais velho, que aparece apenas em referências pontuais. Tal situação mostra uma assimetria nas relações familiares construídas e vivenciadas por Cristian. Tal assimetria é construída num espaço, a família, que foi narrado, como

uma unidade em si mesma. Assim, a relação específica com seu irmão mais velho permite questionar até que ponto tal unidade sem conflitos existiria. Se tal questionamento deve ser feito, devemos lembrar que a forma como foram narradas as relações familiares foi como uma unidade. A família, enquanto categoria e conjunto de relações sociais, não deve ser pensada de maneira automática a partir de seus membros formais, pais e filhos, mas, sim, é preciso lembrar que os sentimentos de pertença ou não a uma família são construídos sócio e historicamente e não dados naturalmente. Desse modo, nada impede que seja narrado um sentimento de unidade com sua família, seus pais e seu irmão mais novo, assim como se construa, por meio da narrativa, um lugar específico para o irmão mais velho. É importante para a análise perceber o sentido dessa construção para sua entrada na universidade.

Cristian estudou durante toda a vida escolar em uma única escola, um colégio público de Margarida, distrito de Marechal Cândido Rondon. Desse período, rememorou como importante o seu relacionamento com antigos professores. Sua vida escolar foi contada a partir das relações de sociabilidade, construídas em torno dela. Apesar de esse momento ter sido narrado de forma fugaz, é significativo abordar a maneira como o fez:

Também uma coisa que me chamou muito a atenção foi que na época, quando a gente estudava em Margarida, eu estudei num colégio em Margarida. Não se tinham praticamente acadêmicos de lá, estudantes de lá que vinham pra faculdade. Um ano antes de eu me formar no segundo grau, quando nós nos formamos, a cobrança dos professores a partir da oitava série já começava a ser muito diferente: - ah o que você vai fazer depois que se formar? Eu lembro muito bem da professora Eleonora, do professor Miguel, são pessoas assim que eu tenho um respeito muito grande. Até hoje eu passo na rua o pessoal me cumprimenta: - Lembra o que conversamos? Sempre agradeço a eles também. Acredito que se não fosse eles eu estaria ainda arrancando mandioca. Eles e meus pais. Mas eles como professores sempre apoiaram muito. (Cristian Jonas Lüdke, 2010).

Cristian chama atenção ao fato de que, antes dele, não havia muitos acadêmicos na Unioeste provenientes do mesmo colégio. Por esse motivo, haveria a cobrança dos professores para que mais de seus alunos ingressassem na universidade. A cobrança foi compreendida, junto com o apoio de seus pais, como o incentivo fundamental para que houvesse uma mudança em sua vida. Sem tais apoios, Cristian acredita que “estaria ainda arrancando mandioca” (Cristian Jonas Lüdke, 2010). Ou seja, continuaria vivendo no campo e não teria constituído a ruptura para que pudesse dar a

guinada que o levou a construir outros meios de sobrevivência, que não o trabalho rural. A ruptura teria se dado com a entrada na universidade, local onde, como veremos, segundo ele, adquiriu o saber legitimado necessário para exercer outra profissão que não a de trabalhador rural braçal. Desse modo, a escola foi importante na decisão de ingressar no Ensino Superior, tanto que narrou o agradecimento aos seus ex-professores da Educação Básica. O fato de se referir especificamente aos professores, lembrando-se de citá-los pelos nomes próprios, remete à força que essas pessoas e seus papéis assumiram na memória do rapaz, à centralidade delas na constituição deste como sujeito.

Há um elemento na parte final da fala de Cristian que deve ser melhor problematizado. Ao se referir ao fato de que se não tivesse contado com o apoio de pais e professores ainda estaria arrancando mandioca, ele não alude apenas a uma profissão, mas a todo um valor simbólico que utiliza para narrar e justificar suas escolhas, entre as quais a da universidade. Para entender a questão, é preciso problematizar a forma como o entrevistado apresentou sua relação com o trabalho. Como explicado desde o início, pedi que falasse livremente sobre sua vida antes da universidade. Sua narrativa iniciou da seguinte forma:

A vida de interior sabe que é sempre dura, trabalho pesado. A gente trabalhava de 14 a 18 horas por dia muitas vezes. Lógico que não é todo o ano. Mas é uma vida bem mais difícil. Hoje, por exemplo, minha vida é um pouco mais fácil. É aquela coisa, tem uma hora que você decide trabalhar com a cabeça ou trabalhar com as mãos. Eu prefiro trabalhar com a cabeça então. Naquela época, quando eu morava bem no interior mesmo, a gente trabalhava muito pesado. Trabalhava, eu lembro, começava às 6 horas da manhã, 6 e meia no máximo e aí vai, até a hora que você terminar o serviço do dia, não parava antes. Trabalhava muito em casa. (Cristian Jonas Lüdke, 2010).

De início, sua fala ressalta a dificuldade com o trabalho rural. Apesar de não se dar por todo o ano, uma jornada de trabalho de “14 a 18 horas” é pesada para qualquer pessoa, ainda mais para um jovem adolescente. É interessante notar a forma como isso aparece em sua narrativa. A fala foi o início da resposta a uma pergunta que tinha por objetivo perceber quais memórias surgiram voluntariamente. Ou seja, sem maiores interferências do entrevistador, a respeito do período anterior ao ingresso na universidade. Assim, é significativo perceber que as duras condições de trabalho foram o fio condutor da primeira parte de sua resposta. A maior parte do tempo de sua fala foi ocupada pela narrativa das relações e condições de trabalho por ele encontradas. Narrou, com esse intento, toda sua trajetória de trabalhador, desde o momento em que residia no campo, passando por suas ocupações

profissionais em Marechal Cândido Rondon e Pato Bragado, este município vizinho àquele, até o seu emprego posterior como zootecnista em uma empresa da região. E, por último, sua atuação como bolsista num programa de extensão da Unioeste, intitulado Universidade Sem Fronteiras.

Ainda a respeito de sua fala, é significativa a diferenciação que construiu entre as condições de trabalho atuais e aquelas anteriores: “Hoje, por exemplo, minha vida é um pouco mais fácil” (Cristian Jonas Lüdke, 2010). Assim, o curso superior apareceu como um momento de ruptura, que indica a melhora das condições de vida. Dessa forma, legitimou com sentidos positivados a vida no e depois do Ensino Superior.

As melhoras percebidas nas atuais condições de trabalho foram ligadas à opção que realizou: “Tem uma hora que você decide trabalhar com a cabeça ou trabalhar com as mãos, eu prefiro trabalhar com a cabeça” (Cristian Jonas Lüdke, 2010). A escolha narrada permeou grande parte da entrevista. Trabalhar com as mãos está ligado, simbolicamente, ao ato anteriormente referido de arrancar mandioca, atividade laboral pesada. Ao manifestar o agradecimento aos pais e professores, remeteu a preferência que faz em sua vida por trabalhar com a “cabeça”. Nesse sentido, trabalhar com as mãos está ligado aos trabalhos que realizava no campo, ou seja, às atividades braçais. Enquanto isso, trabalhar com a cabeça se refere às possibilidades construídas e vivenciadas a partir de suas experiências na universidade.

O ingresso no Ensino Superior foi narrado como uma ruptura na trajetória de Cristian: “Bah cara! Entrar na faculdade foi uma... Foi ali que tudo mudou” (Cristian Jonas Lüdke, 2010). Não é apenas uma ruptura narrada, mas uma drástica mudança sentida, vivenciada. É importante destacar que a rememoração do ingresso foi feita a partir de um conjunto de experiências vivenciadas durante e após o curso de graduação. Dessa forma, não se refere especificamente ao momento de passagem no vestibular, mas ao conjunto de experiências vivenciadas, dentro do qual o vestibular foi simbolizado como um momento de ruptura.

Na construção discursiva de Cristian é possível apreender a importância de ter passado no vestibular. Ele apresentou também dois lugares diferentes com que identificou esse momento: de um lado, o campo, onde estava no momento da notícia e, de outro, a universidade em que ingressou. Na primeira parte de sua fala:

Bah cara! Entrar na faculdade foi uma... Foi ali que mudou tudo. O dia em que eu... No dia em que a minha mãe... Eu tava juntando silagem, era finalzinho de tarde, quer dizer, antes do meio dia. E aí a minha mãe... Ah não, era final de tarde. Eu nunca juntava silagem de manhã. Ajuntando silagem pra alimentar os animais, o nosso rebanho de vacas lá. Aí quando eu vejo assim, minha mãe correndo:

- Cristian você passou, você passou no vestibular, você tá na faculdade! Cara eu chorei que nem uma criança aquele dia, que eu não acreditava. Aí no outro dia eu liguei pra faculdade, e verifiquei se eu realmente tinha passado. Aí eu acreditei. (Cristian Jonas Lüdke, 2010).

Cristian se encontrava no sítio trabalhando com o que mais gostava, manejo de gado de leiteiro. Sua mãe recebeu a notícia de que ele havia passado no vestibular pelo rádio e, então, o comunicou. Cristian chorou. Recompuesto de sua emoção Cristian ligou para a faculdade em busca da confirmação da notícia. Ao tê-la, acreditou. Dificilmente poderei passar ao texto a força emocional do relato. Talvez ao saber que narrou a sequência de eventos com um largo sorriso no rosto, o leitor possa ter uma ideia melhor do que significou para ele essa cadeia de eventos. A intensa felicidade a que sua fala remete diz muito a respeito do quanto desejava entrar na faculdade. Ou, pelo menos, essa é a construção que ele produz hoje, com o curso universitário concluído. Ele havia tentado dois outros vestibulares: Ciências Contábeis e Economia respectivamente. Após duas reprovações e uma mudança na área de estudos, de Ciências Sociais Aplicadas para Ciências Agrárias, finalmente conseguiu entrar no desejado Ensino Superior. Esse evento foi tão carregado de sentidos positivados que o entrevistado afirmou em tom religioso: “Deus está olhando por nós e tem vezes que eu acho que ele quer que você faça alguma coisa que é certo” (Cristian Jonas Lüdke, 2010). Cristian credita e agradece a Deus por não ter passado em outro vestibular e, sim, no de Zootecnia, pois neste pode fazer o que realmente gosta. Mais uma vez a leitura foi feita a partir do presente. Significar o curso de Zootecnia como seu desejo maior é dialogar com as experiências, não apenas acadêmicas, construídas em anos posteriores ao seu ingresso no ensino superior.

Logo após o término dessa fala, o participante se moveu, narrativamente, do campo para a cidade, mais especificamente para à frente do prédio da Unioeste. Ele se movimentou entre diferentes lugares sociais, apresentados em sua fala como muito diferentes, sem ao menos necessitar de uma frase ou expressão de introdução. Imediatamente após a fala da citação anterior, separados apenas por um ponto (.), segue a continuação do relato:

Mas assim... Foi nossa, aquela hora assim: eu tremia na base mesmo. Eu tremi que nem vara verde, de cima embaixo, só de eu... Só de chegar ali na frente da Unioeste. Naquela época eu tinha medo de dar um passo pra frente, tudo aquele prédio, tudo aquela gente, aqueles caras... Era, eu digo assim, uma mentalidade de piá. Eu tinha 18 pra 19, não, eu tinha 19 anos naquela época. Todos aqueles caras de *Ray Ban*, aquelas caras de bravos e sabe, você entrar... (risos) Aquela mentalidade de criança, chegava a dar medo. Mas foi um susto. Eu não sabia se eu estava preparado ou

não pra passar no vestibular, mas passei. Aí eu vi que eu tava preparado mesmo. (Cristian Jonas Lüdke, 2010).

A intensa carga emotiva continuou fazendo parte do relato, mas a emoção que foi lembrada se refere a outro lugar, apesar de o evento ser o mesmo. Antes um detalhe: normalmente os vestibulares da Unioeste ocorrem em meados de dezembro. A divulgação do resultado ocorria, na época em que Cristian entrou no vestibular, em meados de janeiro, já a matrícula em meados de fevereiro. Assim, silenciou um mês de tempo transcorrido em função da importância subjetiva do ingresso na universidade. Em nenhum momento, Cristian se referiu a esse período entre o vestibular e o ingresso na universidade. Quem atuou, no período, foi seu pai que pensava, em seu lugar, em questões como moradia e dinheiro para se manter fazendo o curso.

A carga emocional lembrada se desloca da notícia e de seu compartilhamento com a família para o diálogo com as negociações estabelecidas ao se entranhar em outro espaço social. É interessante notar que no momento em que foi para a entrevista, ele se vestia da mesma forma como os rapazes que estavam em frente ao prédio da Unioeste, a quem fez referência antes na sua narração: óculos escuros, calça jeans, tênis e camiseta. Dialoga, dessa forma, com lugares sociais que foram apropriados por ele. A postura que o fizera se sentir com uma “mentalidade de criança” em sua memória foi o código de vestimenta posteriormente adotado por ele. Esse código foi, primeiro, admirado, desejado, depois, apropriado e, agora, ressignificado e positivado em sua narrativa.

Para que esses eventos assumissem importância foi necessário que Cristian tivesse constituído uma série de expectativas a respeito da universidade. Foi preciso que ela fosse desejada. No momento em que foi incitado a falar sobre as expectativas, ele se colocou da seguinte maneira: “Bom as expectativas assim... As expectativas eram as melhores naquela época. Falei, vou estudar, aprender, vou aproveitar o máximo e depois vou arrumar um emprego” (Cristian Jonas Lüdke, 2010). Assim, vemos trabalhadas duas, talvez três expectativas principais, quais sejam: estudar, aprender e conseguir um emprego. A universidade foi vista, nesse sentido, como o lugar onde adquiriria saberes e a legitimidade necessária para trabalhar com o que gostaria da forma que gostaria. Ao mesmo tempo em que foi lembrada como o lugar a partir do qual tomaria contato com um grupo social admirado, qual seja, o dos rapazes que usavam *Ray Ban* e calça jeans. Seu objetivo laboral era trabalhar com pecuária leiteira e sua opção foi a de não trabalhar em serviços braçais. Assim, a partir da universidade poderia trabalhar, como já fazia no momento da entrevista, com assistência técnica.

As expectativas alimentadas a respeito do Ensino Superior foram construídas no âmbito de suas relações de sociabilidade. Assim, o apoio dos pais, a cobrança dos professores, pontos de referência admirados por ele, revestiram a universidade como um lugar de desejo. Primeiro, pela ânsia de

realização profissional que passava pela aquisição de saberes legitimados, ou seja, acadêmicos. Mas, também, ansiada pela admiração e o desejo de se inserir e se tornar parte constituinte desse universo de pertença.

“O sonho da minha mãe era que eu fizesse Direito”: (des)caminhos de Marina

Passo agora a problematização da entrevista de Marina Abrondavi. Se fosse possível utilizar uma palavra para qualificar a entrevista com Marina, esta seria caótica. Diferentemente de outras entrevistas, onde, voluntariamente ou involuntariamente, um determinado padrão e organização se fez notar, no caso de Marina isso esteve totalmente ausente. Os assuntos se entrecruzam, aparecem e somem numa trama desprovida de qualquer linearidade. A entrevista parece não ser pensada, organizada, mas, sim, sentida e construída a partir do momento em que as questões lhe eram feitas. Enquanto os demais entrevistados construía, dialogicamente, algum tipo de organização temporal ou temática, Marina pareceu se deixar levar pela própria argumentação. Desse modo, em sua narrativa confundem-se pausas para repensar respostas e argumentos, com falas e expressões interrompidas. É em meio a esse “caos”, um turbilhão de palavras e sentimentos, que tento perceber os caminhos percorridos por ela até a universidade.

Marina tinha 20 anos, quando entrevistada. Nascida em Cascavel, ingressou no curso de Direito em 2008. Seus pais são casados, sua mãe é profissional liberal, trabalha como representante comercial. Seu pai foi aposentado por invalidez após um acidente automobilístico que o deixou tetraplégico. Sua família é relativamente pequena, formada apenas pelo pai, mãe e a irmã mais velha, que cursava Medicina em Buenos Aires. Ao contrário de Cristian, que passou por toda a sua trajetória escolar em colégios da rede pública, Marina estudou, em diferentes momentos, em colégios públicos e particulares.

Como em outras narrativas, solicitei que falasse livremente a respeito de si e de sua vida. Marina construiu a seguinte fala:

Como eu falei, sou de Cascavel. Eu vim pra cá... No começo... No primeiro semestre da minha faculdade eu vinha de van todos os dias. A partir de 2008 eu comecei a morar aqui. Eu comecei a morar com uma amiga minha lá de Cascavel mesmo, que fazia, que faz Zootecnia... Resolvi morar aqui porque é muito cansativo vir de van. Nossa, não dá! É estressante e tudo mais. Faço Direito, como eu já falei. Não gosto do meu curso (risos), nem um pouquinho. Tenho esperança que mude ainda mesmo eu estando no final do terceiro ano já... Assim como também não quero atuar na área, obviamente. Mas eu penso assim em fazer concurso, sei lá, pra polícia talvez, alguma coisa assim, mas atuar como advogada, essas coisas assim, não (risos), não, muito

obrigada. Hummm. Eu trabalho no colegiado de História, desde 2008, desde junho de 2008. Inclusive o meu contrato acaba agora em agosto, tô procurando emprego (risos). Ah não sei, o que mais que... (Marina Abrondavi, 2010).

No início, Marina construiu uma temporalidade específica a partir da qual elaborou a fala. Tal temporalidade é um presente que compreende o momento do ingresso na universidade, não o do vestibular, mas o do início das aulas até o momento da entrevista. O presente narrado por Marina compreende, em suma, o período do Ensino Superior. Assim, momentos que ainda iriam acontecer, como se formar na graduação, estiveram inseridos nele. Uma das pistas para elaborar tal argumento está no fato de que sua narrativa, quando não foi marcada temporalmente pelo entrevistador, se apegou ao referido período de tempo. Além da marcação de uma temporalidade específica, outras questões foram levantadas em sua fala inicial: sua origem, a mudança para Marechal Cândido Rondon, seu curso e a relação específica que com ele mantém o seu trabalho.

Marina veio de Cascavel/PR, cidade de 286.205 habitantes (IBGE, 2010) que se localiza a 86 km de Marechal Cândido Rondon, onde se situa o curso de Direito da Unioeste. Naquela cidade, residiu até por volta dos 18 anos, morando na casa dos pais. Tal informação apareceu em meio a um turbilhão de outras, quando solicitei que falasse sobre a vida antes da universidade. Marina assim narrou:

Eu morava com meus pais. Tenho uma irmã, inclusive nós duas... Meus pais falam que esvaziou o ninho de uma vez só, porque ela foi embora em janeiro e eu fui embora em fevereiro de 2008. Ela foi pra Buenos Aires fazer Medicina e eu vim pra cá. Nós somos evangélicos, então a gente vai um monte na igreja, não sai muito (risos). Assim eu trabalhei desde os 13 anos, que eu fiz de tudo nessa vida também... Aí, como a minha faculdade, o nosso calendário é invertido, o nosso início do ano é em agosto, é em julho ou agosto, então assim... Esse primeiro semestre, antes de começar as nossas aulas, eu trabalhei com a minha mãe de promotora repositora, de mercado, que ela é representante comercial. (Marina Abrondavi, 2010).

A forma narrativa bastante truncada denota uma dificuldade, ou talvez um desejo de não se aprofundar. Outro motivo pode ser o fato de tais questões aparecerem logo no início da entrevista, momento no qual ainda estava pouco à vontade. Mesmo assim foi possível perceber algumas questões. Marina narrou sua trajetória a partir da família. A casa dos pais foi utilizada como ponto de partida. Foi também por incentivo da família que ocorreu o ingresso em outros espaços sociais como na religião, no

trabalho e, de forma determinante, na universidade. Várias foram as razões que a levaram a escolher o curso de Direito. É possível visualizar, ainda, como os seus amigos, suas perspectivas de trabalho no futuro e, até mesmo, experiências construídas na universidade a fizeram lembrar e significar a escolha. Portanto, interessa o papel de sua mãe. Perguntada sobre o que a influenciou em sua escolha por cursar Direito:

Minha mãe! O sonho da minha mãe era que eu fizesse Direito. E assim, como realmente eu não sabia que rumo tomar, daí eu pensei, pensei bem as coisas e tudo mais e optei por Direito, por ser um curso bom também. (Marina Abrondavi, 2010).

O desejo da mãe acabou sendo o fiel da balança que a fez escolher Direito, lançando sua família no centro da opção. No caso de Marina, a participação da mãe esteve ligada à escolha do curso de forma direta, o que pareceu contradizer a falta de confiança narrada anteriormente, pois atribuiu muita importância e responsabilidade à mãe pela escolha que fez. Entretanto, tal contradição articula-se na complexidade subjetiva das relações familiares. O “caos” narrativo talvez seja uma pista para compreender esse aspecto de sua subjetividade. Marina construiu esse sentido não linearmente, mas numa trama complexa, marcada por rupturas e continuidades, relações contraditórias, trocas, diálogos. Nessa complexidade, a família apareceu como um dos fios condutores.

Em sua fala, a noção de que o curso de Direito é “um curso bom também” (Marina Abrondavi, 2010) aparece em segundo plano em relação aos desejos da mãe. O próprio tom utilizado para expressar tal opinião, difícil de ser transcrito aqui, é de relativo desdém. A opção subordinada aos desejos da mãe não diminui a qualidade imaginada do curso, mas a coloca em posição secundária, até porque, deve-se lembrar, Marina não gostava do curso. Articulada a essa questão está o fato de que a memória trabalha no presente. Assim, seu desdém pela qualidade do curso e a ênfase na opinião da mãe estão também relacionadas a uma decepção com Direito. A memória não reconstrói sentidos e possibilidades exatas atuantes nos momentos das decisões, mas, sim, sentidos e possibilidades lembradas no presente, marcados por suas questões. Desse modo, enfatizar o papel da mãe em detrimento do seu, pode ter sido uma estratégia para lidar com a decisão que não lhe trouxe os benefícios imaginados.

Marina não questionou, em momento algum, a opção pelo ingresso na universidade. O que foi questionada foi a forma pela qual ingressou. Tal feito deve-se, ao menos em parte, à sua trajetória escolar, bem como ao momento histórico de expansão da universidade no Brasil, questão já apresentada anteriormente.

O caminho escola/universidade foi sentido como um desdobramento “natural” de sua vida. É difícil perceber o momento em que esse caminho foi naturalizado. Podemos aqui identificar duas possibilidades principais. A primeira remete à trajetória escolar. Como vimos na fala de Cristian, o colégio foi um dos lugares onde os jovens vivenciaram pressões sociais visando ao ingresso na universidade. No caso de Marina, há uma especificidade no processo. O Ensino Médio foi realizado num colégio privado ALFA, de Cascavel, que tem como objeto de propaganda justamente o alto índice de aprovação em vestibulares⁶. Importa destacar também que, por ser um colégio particular, o público que o frequenta é específico. É esse público de alta renda que tradicionalmente ingressa em maior número nas universidades públicas. Assim sendo, a expectativa naturalizada de ingresso na universidade é, também, fruto do meio social por ela frequentado. Sendo assim, Marina pôde vivenciar um meio social nesse colégio de fortes pressões para o ingresso no Ensino Superior. Tais pressões podem ser tomadas em diversas direções. Marina não narrou influências advindas de professores, entretanto evidenciou aquelas vindas de algo que ela define como todo mundo: “Todo mundo falou: – Nossa Marina, Direito é a tua cara! Então eu falei: – Tá bom, vou fazer Direito” (Marina Abrondavi, 2010). A fala ainda será melhor trabalhada. Aqui, interessa perceber que o “todo mundo” remete ao conjunto de sociabilidades vivenciadas. Os grupos sociais com os quais convivia e que foram narrados são de amigos da igreja e da escola. O incentivo, sentido por ela mais como pressão, partia dos seus amigos. Sendo que, no colégio, grande parte dos colegas objetivava a universidade, tal direção pode ter sido naturalizada, nesse momento, a partir das pressões exercidas na convivência. Um segundo momento em que o ingresso na universidade pode ter sido naturalizado em sua subjetividade é na dimensão do presente. Marina falou de dentro desse lugar social, bem como para alguém que, igualmente, vem desse mesmo lugar social. Nesse sentido, há a possibilidade de Marina ter suprimido de sua narrativa qualquer possibilidade de questionamento sobre seu ingresso na universidade, devido ao lugar que ocupava no momento da entrevista.

Nessa questão, não há como encontrar a análise correta. Aqui é necessário deixar clara a opção do historiador. Opto aqui por pensar essa questão a partir de uma relação dialógica. As pressões sociais vivenciadas antes do ingresso na universidade, bem como o lugar social e histórico específico ocupado por ela e com o qual dialoga, não se excluem nessa construção. Pelo contrário, a trama subjetiva que Marina coloca em movimento utiliza esses dois momentos para se expressar.

Os caminhos subjetivos percorridos até a universidade passam também pelas relações de trabalho. Desde as primeiras falas isso esteve presente. Marina lembrou que necessitava procurar emprego, pois o seu contrato de estagiária com a Unioeste estava no fim. Sua trajetória de trabalho remonta aos 13 anos, momento em que começou a trabalhar:

Eu comecei com 13 anos cuidando de um casal de crianças, que eram meus vizinhos. Eu e minha irmã trabalhávamos juntas cuidando deles. Ele tinha seis meses e ela quatro anos, e eram uns fofos (risos). Aí depois eu saí de lá, fui trabalhar também como babá, da filha de uma ex-professora minha. Tudo assim, das cinco em diante. Ficava com eles a noite e tal, até porque os pais trabalhavam sempre. Aí... Depois disso... Ah, não lembro a ordem, mas eu já trabalhei em empresa de RH, selecionando currículo e tal, pra seleção! Já dei aula de inglês, já dei monitoria de inglês; já trabalhei como promotora, como repositora de mercado... Já vendi até sonho na rua, mas esse foi só um dia, então não conta (risos). Aí eu acho que foi só isso. (Marina Abrondavi, 2010).

O trabalho permeou toda sua adolescência, desde o trabalho informal, passageiro, venda de doces na rua, passando por outros, como babá ou acompanhante de idosos; trabalhos formais, selecionando currículos num setor de recursos humanos de uma empresa e como promotora de vendas; e trabalhos que requeriam um nível de preparo relativamente alto, como ser professora de inglês. Desse modo, paralelamente à condição de estudante, manteve relações de trabalho formais ou informais durante toda a adolescência.

A escolha pelo curso de Direito não fugiu da preocupação com o mercado de trabalho e da possibilidade de sobrevivência a partir do curso escolhido. Assim, o momento da escolha foi marcado pela indecisão acerca de qual curso escolheria. Marina afirmou que sonhava em fazer dois outros cursos que não Direito: História e Artes Cênicas. A respeito dessa decisão Marina narrou:

Eu tenho dois cursos assim, que são meus sonhos desde sempre, que eu sempre falei: - Nem que eu tenha 60 anos de idade eu vou fazer. São Artes Cênicas e História. Só que assim, os dois cursos os meus pais ficam: - Você vai morrer de fome, você vai morrer de fome, não dá certo. (risos) Então assim, claro, sempre tem aquele: - Não, mas pode dar, você pode conseguir. Só que é um a cada 300, então... Só que mesmo assim é o que eu sempre quis fazer. Artes Cênicas, infelizmente assim, eu acho que eu já tô velha pra fazer, sabe? Porque querendo ou não, é um ramo que você tem de começar cedo. Então assim, claro, eu sei que, nossa eu vou terminar a minha faculdade, se tudo na minha vida der certo, com 22 anos... Isso 22, então assim, claro, dá tempo de fazer outra faculdade e tal. Só que pro que eu quero mais, que é Artes Cênicas, não sei se dá muito tempo. (Marina Abrondavi, 2010).

Tal qual no caso de Cristian, o ingresso na universidade se deu a partir da opção possível e não da idealizada. Entretanto, se os demais entrevistados se identificavam com o curso, Marina foi a única que não deixou dúvidas sobre não gostar. Interessa agora juntar as pontas dos fios narrativos construídos para pensar seu ingresso na universidade e os sentidos sociais e históricos nela envolvidos. De início, vejamos como rememorou a situação:

Ai, eu não sei... Porque assim, antes de eu fazer vestibular eu pensei em fazer tudo que existia, porque eu... O meu defeito é que eu gosto de tudo, não é que eu não goste de nada, é que eu gosto de tudo. Então assim, eu fiquei entre milhares de cursos. Aí um dos... Um curso assim, que tem muitas áreas pra atuação e tal, e que todo mundo sempre falou: - Nossa Marina, Direito é a tua cara! Então eu falei: - Tá bom, vou fazer Direito. Aí, daí eu entrei e tal. (Marina Abrondavi, 2010).

A opção por cursar Direito foi socialmente construída. Sua indecisão entre diversos cursos deu margem para pressões sociais vindas, no caso dela, principalmente de sua família, mas atravessadas por outras relações, como as amizades. Diante da suscetibilidade acabou se apropriando do sonho da mãe. Tal movimento transformou o curso de Direito em um objetivo pessoal. A chegada à universidade por essa porta se tornou desejada. Entretanto, o encontro com as possibilidades oferecidas pelo curso desconstruiu as idealizações de Marina. É interessante perceber como o sonho da mãe, de ver a filha advogada, acabou perpassando as imagens construídas acerca da universidade e desse curso:

Ai, eu tinha uma boa expectativa sabe? Eu acho que ia dar certo e tudo mais, e... Da Unioeste inclusive, porque mesmo às vezes não, o pessoal metendo o pau, e falando: - Nossa, é uma universidade sucateada e não sei o que. Ela é uma universidade boa, não diria que ela é uma universidade 100%, assim. Ela tem um bom índice de aprovação na OAB e tudo mais. Só que eu acho que poderia ser melhor. (Marina Abrondavi, 2010).

A Unioeste, narrada como uma universidade vista socialmente como sucateada, foi significada como boa, pois teria um bom índice de aprovação na prova de admissão da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). A referida prova é o requisito básico e obrigatório para que os bacharéis em Direito possam advogar. Assim, a avaliação da universidade está em diálogo com perspectivas profissionais, ou seja, se tornar advogada, como desejado pela mãe.

Sua trajetória permite muitas reflexões. Ressalto, no intuito de marcar tal perspectiva, uma visão até certo ponto "naturalizadora" da universidade

apresentada por ela. Em sua narrativa, o Ensino Superior apareceu como um caminho “natural” a ser seguido. A dúvida era o curso a ser feito, dúvida essa que não existe apenas para ela, mas que constitui o próprio sentido atribuído à universidade. A mesma situação foi recorrente na fala de Cristian, que também apresentou dúvidas a respeito do que deveria fazer. O Ensino Superior foi marcado por Marina como porta de entrada para o mercado de trabalho, como a possibilidade de ascensão ou manutenção de determinado status social. Tal perspectiva foi frustrada pela vivência do curso, como pudemos ver.

Considerações finais

Nesta reflexão, levantaram-se questões que necessitam de uma articulação aqui. Cada uma das trajetórias trabalhadas trouxe questões específicas, bem como sentidos gerais para a análise. Se há problemáticas gerais que atravessam as narrativas, o tratamento dado pelos sujeitos individualmente foi específico. Resta ao historiador se utilizar dos diversos fios narrativos para tecer uma trama de problematizações.

Há algumas dimensões comuns que atravessaram e foram problematizadas em várias narrativas, como por exemplo, relações familiares, a escola, sociabilidades diversas e as expectativas com relação à universidade. Há, também, questões específicas presentes como as relações de trabalho, a migração e a relação campo/cidade. É importante ressaltar que as narrativas foram construídas a partir de duas relações de diálogo principais. A primeira é o diálogo com o historiador que possui determinadas questões. Algumas das problemáticas que apareceram nas entrevistas foram provocadas nesse diálogo. Outras surgiram espontaneamente, entretanto a própria entrevista não é espontânea, é provocada. Há, ainda, problemáticas que surgem nas entrevistas a partir de uma provocação do entrevistador. Todas as questões que aparecem nas narrativas o fazem a partir das memórias dos entrevistados expressas nas narrativas. É necessário ressaltar que os eles cursam ou já concluíram algum curso superior. Desse modo, as narrativas foram construídas a partir de memórias marcadas por esse lugar social e temporal.

Uma das discussões que atravessam as narrativas são as relações familiares, que foram narradas de maneiras diferentes. Na maior parte dos casos, tal discussão ocorreu espontaneamente a partir dos entrevistados.

É inviável pensar o viver de jovens universitários sem pensar em suas relações familiares. Essa importância das relações familiares para a constituição identitária juvenil também foi trabalhada por Saintout (2009). Se a família apareceu, os sentidos nem sempre foram semelhantes. A família apareceu basicamente como o lugar a partir do qual outras sociabilidades foram construídas. Foi a partir desse lugar que se deu o ingresso na escola, bem como em outras instâncias da vida social. Outro sentido que foi

compartilhado com relação à família foi a forte carga afetiva que marcou as entrevistas, quando os participantes se referiam às suas relações familiares. Outro momento em que a família apareceu narrada em ambas as entrevistas, de formas diferentes, foi o momento do ingresso na universidade. Assim, ela foi determinante, tanto para o ingresso, quanto para a forma como tal ingresso ocorreu.

No caso de Cristian, ele explicou o surgimento da vontade de fazer o curso escolhido por influência da família. Ele conviveu em sua infância e adolescência, de uma forma ou de outra, com práticas socioculturais semelhantes às presentes no curso escolhido. Cristian, ao narrar a opção por Zootecnia, o fez a partir de situações vivenciadas no âmbito familiar. Foi a partir da família também que foi narrada a felicidade de ingressar na universidade. Enquanto isso, Marina narrou como o núcleo familiar foi determinante para a sua escolha do curso no Ensino Superior. Se Marina gostaria de ingressar em outra área, Artes Cênicas, seus pais impediram a escolha. Desse modo, foi “obrigada” a ingressar em um curso que não era sua primeira opção. No caso de Marina, a mãe é determinante para a opção pelo Direito, que não é visto de forma positiva, pelo menos, até o momento da entrevista.

A escola é um dos assuntos tocados em ambas as narrativas apresentadas. Nos dois casos, foram colocadas relações de sociabilidades construídas a partir desse espaço. Assim, a escola apareceu como um lugar mais de sociabilidades do que como espaço de aprendizado. Há, entretanto, uma sutileza com relação a essa questão. Se a escola enquanto instituição de ensino não apareceu com grande força, tal sentido está implícito em suas falas. Na narrativa de Cristian, tal perspectiva se fez presente de forma mais clara. Ele lembrou que seus professores o incentivavam a ingressar no Ensino Superior. Por mais que seja o único a narrar tal fato, é preciso lembrar que os entrevistados foram aqueles que conseguiram passar no vestibular. Para tanto, foi necessário um conjunto de saberes construídos na escola.

O vestibular e o ingresso na universidade apareceram naturalizados pelos entrevistados. Diferentemente de Cristian, que narra uma possibilidade de vida diferente, Marina, em nenhum momento, questiona a possibilidade de ingressar ou não nesse meio. Os questionamentos se dirigiram à opção por um ou outro curso possível ou desejável. Para compreender tal questão de destaque, novamente, que esses jovens estão, ou estiveram, na universidade, sendo, portanto membros do grupo dos que conseguiram tal feito. Assim, a universidade, e não outros caminhos possíveis, foram trilhados, tornando o questionamento de tal opção inexistente nas narrativas.

A escola, como disse, foi narrada basicamente a partir das relações de sociabilidades construídas a partir dela. Esse conjunto de relações narradas, os amigos, ou silenciadas, possíveis desafetos que extrapolaram o espaço escolar, contribuiu de diferentes formas para o ingresso na universidade. É,

nesse sentido, que vemos Marina remetendo a um genérico “todo mundo” que a incentivava a ingressar no curso de Direito.

As sociabilidades, entre elas as amizades, ocuparam longas e densas páginas das transcrições das entrevistas. Por diversas vezes, os entrevistados se embrenharam na narração de suas amizades, em anedotas a respeito de seu passado. Apesar de não terem sido trabalhadas mais longamente, entendo que as amizades, os grupos sociais frequentados e queridos por esses estudantes foram de fundamental importância na constituição de suas identidades. É também nas relações de sociabilidade que se assenta uma das maiores marcas de ruptura causadas pelas migrações necessárias na ida a uma específica universidade, a Unioeste, Câmpus de Marechal Cândido Rondon. Tal questão foi narrada com sentidos e a partir de lugares diferentes. A migração foi para cada um dos sujeitos analisados um movimento específico. Cristian migrou do campo, do interior de Marechal Cândido Rondon, para a cidade e Marina vem para Marechal Cândido Rondon de uma cidade maior, no caso Cascavel, considerada a cidade pólo da região. Assim, de uma forma ou de outra a migração faz parte de suas vidas.

Até aqui, foi possível captar, a respeito da migração, muito de seu sentido de ruptura, afinal foi utilizado como recorte justamente esse momento, o ingresso na universidade. Será necessário problematizarmos o movimento de chegada a Marechal Cândido Rondon para que possamos perceber o sentido mais amplo de tal movimento. Afinal a migração não é apenas o movimento de partida, de saída de seu lugar, mas também um movimento de chegada a algum lugar. No presente caso não se chega apenas a uma cidade, mas também à universidade. Entretanto, se faz necessário notar aqui que tal movimento assume grande importância na fala dos estudantes apresentados, não apenas nos que foram aqui trabalhados, mas também nas narrativas de diversos outros sujeitos entrevistados.

Foi no conjunto dessas questões levantadas que foi construída uma gama histórica de expectativas a respeito da universidade. As esperanças construídas não podem ser sistematizadas na sua totalidade. A única forma de sistematizá-las é justamente a partir de sua multiplicidade. É exatamente na multiplicidade de expectativas, desejos e idealizações dos diferentes sujeitos que se assentou a ideia deste texto.

Notas

* Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professor colaborador do Curso de História da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). E-mail: thiagorhs@hotmail.com

¹ Este artigo teve origem nas discussões construídas durante o mestrado. O pesquisador contou com financiamento, através de bolsa, da PTI C&T/FPTI-BR.

² As entrevistas com os dois sujeitos foram construídas em 2010.

³ INEP: Censo da Educação Superior. Dados disponíveis em: <<http://portal.inep.gov.br/web/cento-da-educacao-superior/evolucao-1980-a-2007>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

⁴ Dados disponíveis em: <http://www.portaldeensino.com.br/index.php?pag=prouni.php&pubnoticias_do=artigo&pubnoticias_artigo=110&pubnoticias_pg=0>. Acesso em: 13 jun. 2011.

⁵ Dados fornecidos pela Secretaria Acadêmica da Unioeste.

⁶ ALFA. Página Inicial: <<http://www.alfaonline.com.br/index.php>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

Fontes

Entrevista de Marina Abrondavi, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de Direito. Natural da cidade de Cascavel/PR mudou-se para Marechal Cândido Rondon em meados de 2008. Estava no final do 3º ano do curso. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 26 de março de 2010.

Entrevista com Cristian Jonas Lüdke, 25 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2004, momento em que se mudou do distrito de São Roque, interior do município de Marechal Cândido Rondon, para sua sede. À época, trabalhava numa empresa de assistência técnica na área de Zootecnia. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 18 de março de 2010.

Referências

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-Oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

REISDORFER, Thiago. **Universidade vivenciada na cidade**: estudantes da Unioeste de Marechal Cândido Rondon (1994-2009). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste no Paraná, 2011. (Dissertação de mestrado).

SAINTOUT, Florencia. **Jovenes**: El futuro llegóhace rato. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

Recebido em: novembro de 2013.

Aprovado em: março de 2014.